

DICÇÕES ERRANTES, POÉTICAS FRICCIONAIS - RASTROS DA VOZ AMERÍNDIA EM ELIANE POTIGUARA E TENÊ KAXINAWÁ

Francisco Barbosa de Oliveira Neto¹
Amilton José Freire de Queiroz²

RESUMO

Este artigo estuda a literatura ameríndia brasileira contemporânea. Assim, o objetivo consiste em mapear os rastros da voz ameríndia nos poemas *Oração pela libertação dos povos indígenas*, de Eliane Potiguara, e *Eu pensava que terra remendava com o céu*, de Tenê Kaxinawá. Desse modo, procura-se desenvolver o seguinte problema de pesquisa: como são construídos os rastros da voz ameríndia na poesia de Potiguara e Kaxinawá? Sem buscar aferir uma resposta definitiva para tal questão, ensaia-se, aqui, a hipótese de que os dois poemas constituiriam arquivos da memória, dos trânsitos, violências e reexistências das culturas potiguara e acreana. Quanto aos métodos, adota-se a perspectiva da Teoria da Literatura e Estudos decoloniais, bem como a pesquisa bibliográfica e a abordagem qualitativa-teórico-crítica dos textos literários. Os resultados parciais da pesquisa apontam que a literatura brasileira é um espaço de heterogeneidades, dentre as quais a escritura ameríndia projeta outras possibilidades de figuração da memória hoje. Com isso, uma conclusão que este trabalho apresenta é a de que esboçar uma leitura das dicções errantes e das poéticas de reexistências de Potiguara e Kaxinawá demanda conjugar dois horizontes investigativos. O primeiro deles seria compreender as estratégias discursivas pelas quais Eliana Potiguara e Tenê Kaxinawá elaboram arquivos literários sensíveis à alteridade ameríndia. O segundo caminho constituiria interpretar os novos desenhos das humanidades ameríndias na literatura brasileira. Ao entrecruzar esses dois horizontes, seria, portanto, salutar estudar, pesquisar e ensinar a literatura brasileira contemporânea na perspectiva da polifonia das fricções, dicções e poéticas ameríndias.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura ameríndia; Contemporaneidade; Reexistência; Ancestralidade

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce da premissa de que é preciso estudar as vozes de povos indígenas do cenário literário atual, pois elas ecoam cânticos de bravura e coragem, expressos na luta por dias melhores e resistência contra os projetos de

¹ Endereço institucional: francisco.barbosa@sou.ufac.br E-mail: barbosaneto441@gmail.com

² Endereço institucional: amilton.queiroz@ufac.br E-mail: amiltqueiroz@hotmail.com

V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUÁ

III SEMINÁRIO DISCENTE DO PPEHL

30 ANOS DE PEDAGOGIA: CELEBRAÇÃO E [R]EXISTÊNCIA FRENTE À NOVA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS PANDÊMICOS

modernização dos saberes ameríndios. Desse modo, os povos que outrora tinham suas histórias narradas, a partir da perspectiva do europeu, passam a reler e reescrever suas histórias, a inscrever a natureza e a função diversa, plural e heterogênea de uma literatura ameríndia hoje.

Assim, de maneira singular e estratégica, tal literatura estaria voltada para a desconstrução de narrativas, estereótipos e racionalidades cartesianas, ao questionar a ótica do colonizador, bem como fomentar a interpretação de contextos sociais, culturais e literários cujo horizonte de figuração vai buscar a imagem de gritos, dicções e poéticas errantes para promover a reexistência e o empoderamento do imaginário ameríndio na literatura brasileira contemporânea.

Diante deste cenário de diálogos literários, culturais e críticos, o presente trabalho propõe a leitura, análise e interpretação dos poemas *Oração pela libertação dos povos indígenas*, de Eliane Potiguara, e *Eu pensava que terra remendava com o céu*, de Tenê Kaxinawá. Para tanto, busca desenvolver este problema: como são construídos os rastros da voz ameríndia na poesia de Potiguara e Kaxinawá?

Em conexão com essa pergunta-chave, a hipótese que sustenta este estudo é a de que os dois poemas em estudo constituiriam arquivos da memória, dos trânsitos, violências e reexistências na contemporaneidade e ancestralidade das culturas potiguara e acreana.

Dito isto, tanto o problema quanto a hipótese emergem da perspectiva de que “somente a partir da década de 1990 que as produções literárias, artísticas e filosóficas indígenas começam a ganhar visibilidade, intensificando-se no século XXI” (OLIVEIRI-GODET, 2022, p. 239).

Afinal, é nesse momento que há uma maior produção ameríndia de textos escritos, como forma de representar seu povo, sua história a partir de uma mirada coletiva e individual de cada sujeito. No entanto, sabemos que as práticas de oralidade remontam a tempos imemoráveis, não sendo específicas dos povos originários, mas uma prática comum a toda humanidade.

Assim, ao investigar esse trânsito de saberes, culturas e imaginários, neste trabalho, adota-se por objetivo comparar os rastros da voz ameríndia em textualidades contemporâneas. Para tanto, articula-se a perspectiva os estudos de Literatura ameríndia, ao dialogar com as reflexões de Munduruku (2018), Kambeba



(2018), Graúna (2022), Olivieri-Godet (2022), entre outros autores que apontam a necessidade de pensar as literaturas ameríndias como forma de reexistência.

Portanto, faz-se necessária uma pesquisa que priorize a análise e interpretação dos rastros da voz ameríndia na escritura de Eliane Potiguara e Tenê Kaxinawá, para que se possa avaliar a obra desta/deste autora/autor ameríndios no sistema literário brasileiro contemporâneo.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo proposto, foi desenvolvida uma análise minuciosa dos poemas “Oração pela libertação dos povos indígenas”, de Eliane Potiguara e “Eu pensava que terra remendava com o céu”, de Tenê Kaxinawá, concentrando-se a atenção no estudo não só do eu-lírico, versos, estrofes, musicalidade e ritmo poética, mas de todos os artifícios utilizados por Potiguara e Kaxinawá, para produzir determinados efeitos, como a imagem do espaço, do tempo, das alteridades e das reexistências ameríndias, bem como as intertextualidades/interculturalidades com as literaturas contemporâneas.

Caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e de natureza descritiva, conforme Xavier (2011), esta pesquisa dialogou, também, com os conceitos de literatura ameríndia, rastros, voz, errância e fricção. Para compreender tais universos teórico-conceituais, revisitaram-se as reflexões de Zilá Bernd (2013), Kambeba (2018), Munduruku (2018), Hakiy (2018), Olivieri-Godet (2022) e Graça Graúna (2022).

O procedimento adotado foi, primeiramente, a leitura de cada um dos textos crítico-teóricos, com vistas a posterior levantamento dos fundamentos, tendências e pressupostos que atravessam as noções de literatura ameríndia, rastros, voz, errância e fricção. Entendido esses aspectos, passou-se à confecção de fichamentos, nos quais foram mapeadas as perspectivas que poderiam orientar a leitura, análise e interpretação da literatura ameríndia.

Em concomitância às leituras teórico-críticas, realizaram-se os processos de análise e interpretação literária dos poemas. Nelas, buscou-se identificar o tom lírico, dramático, crítico e estético-poético-cultural dos dois poemas. Identificadas as semelhanças e diferenças das textualidades ameríndias, procedeu-se à escrita do

texto acadêmico sobre as imagens construídas por Potiguara e Kaxinawá. Neste momento, articulou-se tanto o aspecto teórico quanto metodológico para traduzir os rastros da voz ameríndia no discurso poético contemporâneo.

Por meio deste percurso metodológico, procurou-se, portanto, destacar a importância da voz, escritura e saber de Eliane Potiguara e Tenê Kaxinawá na literatura ameríndia brasileira contemporânea, ao elaborarem arquivos literários a partir de vivências e de lutas de reexistências marcadas ao longo do contexto sócio-histórico e cultural. Em síntese, Potiguara e Kaxinawá projetam das dicções errantes e poéticas friccionais como linhas de figuração crucial para reler e reescrever outras formas de traduzir a experiência humana hoje.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constata-se, pois, que a literatura ameríndia surge a partir de produções indígenas acerca do seu próprio povo, da sua cultura, da sua identidade.

Por isso, há uma necessidade latente de se pensar a produção literária ameríndia como parte da alteridade nacional, isto é, não se pode pensar um Brasil sem o direito à voz aos que aqui estavam e foram parte de um processo colonizador e escravocrata. Não à toa, Graúna (2022) nos convida a mergulhar em um universo de desconstrução de estereótipos e repensar os preconceitos acerca da historicidade indígena.

[...] é um convite para desconstruir estereótipos e repensar os preconceitos; um convite para discutir a possibilidade de sonhar um mundo melhor; um convite que deve estender-se a todos os simpatizantes da cultura e da história indígena, levando em conta que a literatura indígena, por exemplo, ainda é pouco estudada em seu aspecto contemporâneo (cotidiano) e, particularmente, em seus aspectos fronteiriços. (GRAÚNA, 2022, p. 1)

Desse modo, a literatura ameríndia vem construindo diálogo acerca da desconstrução de estereótipos no fazer literário, além de abrir caminhos que possibilitem aos indígenas produzirem textos sobre sua própria identidade, sua cultura, seu povo. Nesse sentido, as produções indígenas carregam forte marcas da oralidade, pois suas construções partem das relações com o convívio coletivo, em que suas tradições são transmitidas por meio dos cantos, rituais, entre outros, que

V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUÁ

III SEMINÁRIO DISCENTE DO PPEHL

30 ANOS DE PEDAGOGIA: CELEBRAÇÃO E [R]EXISTÊNCIA FRENTE À NOVA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS PANDÊMICOS

não apenas expressam os rastros da identidade cultural do povo ameríndio, mas também inscrevem outros vestígios de culturas em errância e vozes em tensão. Para Kambeba (2018):

Na literatura indígena, a escrita assim como o canto, tem peso ancestral. Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. Não quero dizer aqui que a prática da oralidade tenha se cristalizado no tempo. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento. (KAMBEBA, 2018, p. 40)

Tal perspectiva permite fazer articulações com as escrituras de Eliane Potiguara, com *Oração pela libertação dos povos indígenas*, e Tenê Kaxinawá, com *Eu pensava que a terra remendava com o céu*. Nessas produções, observa-se como os escritores têm trabalhado a construção de suas narrativas por meio do eu lírico, ao reler e reescrever horizontes de figuração mais prospectivos das alteridades ameríndias.

No poema de Potiguara, a escritora em seu título já nos traz uma provocação acerca da imposição religiosa que ocorrera com o processo de catequização, por meio da qual foi imposto aos indígenas um sistema de ensino, cultura e linguagem. Isso vemos também nos versos “*Basta de afogar as minhas crenças e / tirar minha raiz*”, (POTIGUARA, 2004, 60). Observamos aí um eu lírico que se mostra cansado e resolve dá um basta, recusa-se a deixar que continuem impondo suas crenças e cultura.

Ao continuar a leitura do texto de Potiguara, encontramos outros rastros da voz. Tais como estes, quando o eu-lírico confessa: “*Não se apaga dos avós rica memória / Veia ancestral: rituais pra se lembrar*” (POTIGUARA, 2004, p. 60). Temos aqui a questão da transmissão de costumes e tradições por meio da oralidade. Noutras palavras, a literatura indígena sendo transmitida ao longo do tempo, das gerações; uma forma de resistência ao apagamento das identidades em trânsito.

A propósito, vale destacar que, segundo Kambeba (2018, p. 39), o conhecimento da escrita pelos indígenas tornou-se uma forma de manter viva a transmissão da cultura, pois “com a escrita nasce a literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimentos, memórias, identidades, histórias e resistências”. Ao ampliar a reflexão, Munduruku (2018) assevera que:



V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUÁ

III SEMINÁRIO DISCENTE DO PPEHL

30 ANOS DE PEDAGOGIA: CELEBRAÇÃO E [R]EXISTÊNCIA FRENTE À NOVA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS PANDÊMICOS

A escrita é uma técnica. É preciso dominar essa técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência [...]. O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral. (MUNDURUKU, 2018, p. 83)

Como nos remete Munduruku (2018), a escrita é uma prática de vida que precisa ser valorizada, ampliada e ressignificada. Tendo em vista essa concepção, aproveitamos para trazer para discussão o poema de Kaxinawá, no qual alguns versos nos chamaram a atenção: *“Eu pensava que só nós mesmos vivíamos, / Só nós mesmo, o povo Kaxinawá / Um dia, eu vi um branco chegando na nossa casa falando diferente. Mas eu pensava que quando eu fosse na casa dele, ele ia falar em Kaxinawá* (KAXINAUWÁ, 1997, p. 35).

Neste fragmento textual, observamos a evocação da ingenuidade de uma criança ao acreditar que fossem os únicos a habitar o mundo, mas isso é desconstruído à medida que um não indígena chega à casa do indígena falando em uma língua, que, para ele, era desconhecida.

Assim, aos lermos os poemas de Potiguara e Kaxinawá, detectamos que os escritores trabalham discursiva, literária, geográfica e historicamente, as vozes ameríndias em seus poemas.

Na produção da escritora, é perceptível uma abordagem crítica aos colonizadores, uma vez que os versos vão sendo trabalhados numa construção discursiva, histórica e literária acerca da libertação dos povos indígenas, da não corrupção da cultura, da necessidade de se manter viva a tradição e religião.

Já na produção de Kaxinawá, identificamos a figuração da historicidade de seu povo. Para tanto, usa o recurso da voz de uma criança para trabalhar a pureza, a ingenuidade, visto que, no verso *“Eu pensava que só nós mesmo vivíamos”* (KAXINAUWÁ, 1997, p. 35), mostra que os povos da floresta não tinham tido contado com o branco, que viviam segundo os seus costumes e crenças. Todavia, isso muda de figura no momento em que o colonizador chega com uma nova língua, uma vez que a identidade, cultura, costumes e crenças são transmitidas por meio da língua.

V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUÁ

III SEMINÁRIO DISCENTE DO PPEHL

30 ANOS DE PEDAGOGIA: CELEBRAÇÃO E [R]EXISTÊNCIA FRENTE À NOVA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS PANDÊMICOS

Em síntese, os rastros da voz ameríndias são plurais e sensíveis à fricção das memórias, culturas e imaginários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando amarrar a reflexão realizada até aqui, o presente artigo trouxe para discussão a literatura ameríndia, uma vez que esse assunto ainda não é muito explorado e fica à luz da compressão os seus conceitos e desdobramento quanto à produção literária indígena na contemporaneidade.

Diante disso, este se objetivou em mapear discursiva, literária, geográfica e historicamente, dos rastros da voz ameríndia nos poemas “*Oração pela libertação dos povos indígenas*”, de Eliane Potiguara e “*Eu pensava que terra remendava com o céu*”, de Tenê Kaxinawá.

Esses poemas foram selecionados levando em consideração que são indígenas falando, escrevendo e traduzindo sobre seus povos, suas culturas, suas identidades, seu trânsito no entre-lugar de pertencimento.

Destarte, a literatura ameríndia é a mola propulsora para oportunizar os povos das florestas serem ouvidos e lidos a partir de sua perspectiva plural.

Ao entrecruzar esses as escrituras de Eliane Potiguara e Tenê Kaxinawá, esperamos, pois, ampliar estudos que levem em consideração o lugar de fala dos indígenas, e que possibilitem um maior destaque no âmbito nacional. Isto é, permitam pesquisar e ensinar, portanto, a literatura brasileira contemporânea na perspectiva da polifonia das fricções, dicções e poéticas ameríndias.

REFERÊNCIAS

GRAÚNA, Graça. Literatura Indígena: desconstruindo estereótipos, repensando preconceitos. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna_lit_indigena_desconstruindo.pdf> Acesso: 11/09/2022 às 18h05min.

KAMBEBA. Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.



V CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUÁ

III SEMINÁRIO DISCENTE DO PPEHL

30 ANOS DE PEDAGOGIA: CELEBRAÇÃO E [R]EXISTÊNCIA FRENTE À NOVA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS PANDÊMICOS

KAXINAWÁ, N. S. T. “Eu pensava que a terra remendava com o céu”. In: MATOS, C. N. (Org.). **Antologia da floresta**: literatura selecionada e ilustrada pelos professores indígenas de Acre. Rio de Janeiro: Multiletn. 1997.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena**: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. In: **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

OLIVIERI-GODET, Rita. Tópicos centrais da literatura ameríndia contemporânea. In: **Diálogos transdisciplinares**: ciências humanas, cultura, tecnologia / organizado por Adauto Locatelli Taufer, Andrei dos Santos Cunha, Bruno Costa Zito. - Porto Alegre: Class, 2022. 280 p.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. São Paulo: Global, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos. Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos. São Paulo: Rêspel, 2011.

